

## **A VIOLÊNCIA ADOLESCENTE E AS COMPLEXIDADES DO AGIR<sup>1</sup>**

### **Gregório De Sordi Gregório**

Psicólogo, Psicanalista, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - Universidade de Brasília – PPGPsiUnB, Ex-Bolsista PIBIC CNPq, Bolsista de Mestrado CNPq  
dsgregorio@gmail.com

### **Deise Matos do Amparo**

Psicóloga, Psicanalista, Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - Universidade de Brasília – PPGPsiUnB, Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq  
deisemparo@unb.br

### **Resumo**

Considerando a violência como sendo o exercício da força sem levar em consideração alguém ou alguma coisa, pode-se afirmar que a adolescência é um período caracterizado por aspectos violentos. Não somente no que se refere aos casos de atuação desta, como também pela violência interna pubertária. O adolescente se vê diante de mudanças corporais, sociais e psíquicas. O corpo, outrora infantil e familiar, agora é púbere e estranho. Há também a revivescência do Complexo de Édipo e, como nos mostra Freud, a forma de lidar com o incesto é uma forma de lidar com a lei. Observam-se, ainda, falhas ansiogênicas no quadro de referência que poderá ser buscado pela via da atuação em outro lugar. Nesta pesquisa multimetodológica com abordagem qualitativa, foram realizados grupos focais e entrevistas semiestruturadas com adolescentes em situação de internação, de liberdade assistida e semiliberdade. Constatou-se que a violência protagonizada pelos adolescentes revela, principalmente, sua forma de defesa perante uma vivência de traumatismos e angústias. Providenciar suporte e apoio a estes adolescentes pode ajudá-los a se sentir mais seguros e, assim, diminuir a violência atuada por eles. A escola e as instituições de referência podem se constituir em um vínculo fundamental, instaurador de reflexão construtiva acerca das relações e dos atos cometidos.

**Palavras-chave:** Adolescência; Violência; Psicanálise; Subjetividade.

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa com apoio do CNPq.



## Abstract

Considering the violence as the exercise of power without regard to anyone or anything, it can be stated that adolescence is a period characterized by violent aspects. Not only regarding cases of operation thereof, but also by the internal violence. The teenager is faced with bodily, social and psychological changes. The body, once the childish and acknowledged, now is pubescent and strange. There is also a revival of the Oedipus complex and, as Freud shows us the way to deal with incest is a way of dealing with the law. There are also anxiogenic flaws in frame of reference that can be sought by acting elsewhere. This multi-methodological study with a qualitative approach conducted focus groups and semi-structured interviews with adolescents in detention, assisted freedom and semi-liberty. It was found that violence carried out by adolescents reveals principally the form of defense towards an experience of trauma and distress. Providing support and assistance to these teens can help them feel more secure and thus reduce the violence enacted by them. The school and the reference institutions may constitute a fundamental link, establisher of constructive thinking about the relations and the acts committed.

**Keywords:** Adolescence; Violence; Psychanalyses; Subjectivity.

## Introdução

A violência é (e sempre foi) um tema preocupante em nossa sociedade, não somente pela frequência e intensidade dos atos violentos com os quais nos deparamos, mas, sobretudo, pelo que ela nos suscita. Certamente, é difícil manter uma distância benevolente e não ser influenciado pelos sentimentos que nos invadem ao presenciar cenas de cunho violento. Muitas vezes, o impacto subjetivo produzido quando nos deparamos com tais cenas produz certo tipo de estranhamento, que demanda uma busca objetiva de sentido frente ao desamparo deixado por estes atos. Por este motivo, para tentar compreender o fenômeno na sua completude, é necessário que se consiga elaborar estes sentimentos, criando um efeito de suspensão. Uma vez que se possa fazer isso, encontrar-se-á algo que dê sentido ao ato violento para além de nossos sentimentos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso

intencional da força ou poder físico, em forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesões, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações. Marty (2006) utiliza um conceito simplificado e, logo, mais abrangente que retira a necessidade da intencionalidade no uso da força e adiciona aspectos subjetivos: “a violência é o exercício da força sem levar em consideração alguém ou alguma coisa” (p. 120).

Quando interligamos este conceito com a adolescência, encontraremos não somente casos de violência objetiva e atuada, mas outras formas de manifestação desta violência. Podemos pensar em uma violência intrapsíquica a que o adolescente está sujeito diante de mudanças corporais, sociais e psíquicas.

Segundo Winnicott (2006), a adolescência é um período particular que precisa de tempo para se viver as experiências subjetivas que são características deste período. Antes do século XX ela não era considerada como um estágio do desenvolvimento. Ao contrário, as crianças passavam pela puberdade entrando imediatamente em alguma espécie de aprendizado no mundo adulto (Papalia, 1981). Entretanto, a complexidade dos fatores inerentes à adolescência fundamentaram a necessidade de se delimitar um período específico para ela.

O corpo do adolescente é marcado pela puberdade somática que produz mudanças físicas e psíquicas. É um corpo diferente do da infância em que há um apelo para tornar-se familiar, uma vez que é de início estranho. Marty (2010) descreve que este acontecimento pubertário “é um arrombamento que ameaça o eu, submetendo o adolescente a um bombardeio psíquico que se revela traumático” (p. 121). É, portanto, uma violência contra a criança que agora é púbere.

Devido a essa diferença econômica pertencente à puberdade, há um traumatismo advindo da genitalização do psiquismo e do corpo. Corpo esse vivido como objeto externo e ameaçador do psiquismo. “O processo da adolescência terá por função em seguida elaborar esse traumatismo, neurotizando-o” (Marty, 2006, p. 121).

Na adolescência, a problemática edipiana também se reatualiza, uma vez que o arrombamento pubertário coloca em perigo o equilíbrio da organização libidinal, evocando novamente questões edípicas. Uma das características do Édipo é que, ao reestruturar tudo o que existia antes dele, nasce um novo arranjo da organização libidinal. “Tudo que vem desarranjar ou perturbar o equilíbrio realizado pela organização edipiana implica no reaparecimento do conflito edipiano” (Parat, 1966,



citado por Emmanuelli, & Azolay, 2008, p. 28). Dessa forma, há uma ameaça interior originada na libido pubertária e decorrente da revivescência do roteiro edipiano relido e reescrito à luz da genitalização. Portanto, o novo corpo dispõe de uma nova potencialidade e traz consigo uma ameaça interior que pode encontrar na ação violenta uma resolução, já que o processo da adolescência muitas vezes não consegue neurotizar o afluxo das excitações pubertárias (Marty, 2006).

Ainda acerca do Édipo, Freud (1930) afirma que o desejo incestuoso está presente em todos os seres humanos e é proibido pela cultura da sociedade. Há, portanto, um antagonismo entre as exigências dos impulsos e a inserção do indivíduo na sociedade. A forma de lidar com o incesto é uma forma de lidar com a lei. O “não” à atuação dos desejos edípicos delimita as fronteiras entre o desejo e sua satisfação (Freud, 1930). Dessa forma, a proibição do incesto é estruturante, pois é através da repressão dos desejos incestuosos que se estrutura o aparelho mental nas suas três instâncias: id, ego e superego. O superego é a instância formada pela internalização da lei, sendo o ego responsável por mediar as exigências do id com o superego (Freud, 1923). Se não há uma internalização da lei, não há a castração, impera o desejo, a perversão. Por este motivo, o adolescente que se encontra em conflito com o Complexo de Édipo também se encontra em conflito com o limite que lhe é imposto.

Contudo, Winnicott (2006) discorre que a ausência de limite não é libertadora, pois é angustiante. Segundo ele, tudo o que leva as pessoas aos tribunais está relacionado com a relação da criança com seu próprio lar. Neste, a criança irá colocar à prova seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Ela precisa de suporte para não sentir um medo excessivo de seus próprios pensamentos e dos produtos de sua imaginação. Quando não é providenciado suporte a partir de um quadro de referência dentro de casa, a criança torna-se angustiada e, se tem alguma esperança, procura outro quadro de referência fora do lar. “A criança cujo lar não lhe ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa às quatro paredes” (p. 130). Entretanto, “se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar” (p. 129).

O adolescente se encontra na mesma situação, com a excepcionalidade de ter uma nova potência advinda do corpo púbere. Ele se vê novamente invadido por questões pulsionais e psíquicas e precisa de um quadro de referência para poder lidar com isso. Assim, volta-se ao processo supracitado.

O quadro de referência, além de dar limite, providencia o amor e carinho

demandado pela criança. Winnicott (2005) coloca que uma falha neste processo pode levar a criança a sofrer uma privação que poderá ser manifestada em comportamentos antissociais. Privação que tipicamente ocorre no período que vai até a idade em que a criança começa a dar os primeiros passos, entre um e dois anos de idade. Há a perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até certa data, e que foi retirado; a retirada se estendeu por período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência. Winnicott postula dois destinos de reação a esta privação: o roubo e a destrutividade. No primeiro a pessoa procura alguma coisa, em algum lugar, não a encontrando, busca-a em outro lugar, quando tem esperança. Por exemplo, uma pessoa quando rouba, pode estar protestando contra a mãe e o pai porque se sente privada do amor de ambos. Na segunda, a pessoa está procurando aquele montante de estabilidade ambiental que suporte a tensão resultante do comportamento pulsional. Isto é, novamente desafia-se o ambiente a conseguir suportar as angústias provenientes do pubertário e da falta de referência parental.

Destaca-se também outro eixo da defesa protagonizada pelo adolescente: o narcísico. Trata-se do recurso ao agir violento como uma tentativa de tampar a ferida narcísica que constitui a representação de sujeito enquanto falta. Esta que Lacan (1964) afirma ser fundadora do sujeito barrado no inconsciente. É uma tentativa de manter vivo o sentimento de ideal decorrente do narcisismo primário, o que caracteriza novamente uma recusa à castração (Freud, 1914).

A opção pelo recurso ao agir violento revela justamente a fragilidade narcísica inerente à adolescência. É uma forma de negação da mudança inexorável característica da adolescência. Além das mudanças supracitadas advindas do pubertário, este é um momento em que ocorre um gradual desligamento das figuras parentais, no sentido da superação de um modelo relacional enraizado no narcisismo primário. Como este se constitui como um protetor do psiquismo, o investimento em novas referências e novos objetos de satisfação egóica colocam o adolescente necessariamente em situação de fragilidade narcísica.

Costa (1988) defende, com base nas elaborações de Freud, que o ego procura esquivar-se de mudanças, uma vez que estas podem ocasionar desprazer. Sua função é manter a estabilidade psíquica e a autoconservação da imagem do ego de unificação. Contudo, as transformações da adolescência demandam do ego uma reorganização subjetiva. A alteração da composição egóica gera um problema de



identidade e configura um ataque ao narcisismo. Costa ainda adiciona que, quando a integridade egóica é ameaçada, o sujeito é sinalizado por meio de sensações de angústia. Dessa forma, a fragilidade narcísica pubertária favorece o recurso à solução violenta para proteger-se de um ataque que ameace a integração narcísica e o sentimento de continuidade de existência (Marty, 2010).

Quanto ao problema de identidade, Winnicott (2006) postula que “o adolescente está empenhado em descobrir o próprio eu para que lhe possa ser fiel” (p. 170). Diante das mudanças biológicas, psíquicas e sociais, o adolescente se vê essencialmente em um período de descoberta pessoal. O modo como cada indivíduo significa essas mudanças e lida com as ansiedades subjacentes a elas baseia-se, principalmente, no padrão organizado desde os primeiros tempos da infância, quando houve uma fase similar de rápido crescimento emocional e físico. A criança que foi bem cuidada e era saudável, desenvolveu o complexo de Édipo e se equipou com um método pessoal para atender aos novos sentimentos, tolerar situações de apuro e rechaçar situações que envolvam ansiedade intolerável. Logo, “ter podido experienciar a cólera parental, a função de limite e de para-excitações que ela pode representar, oferece à criança (e ao adolescente) a melhor oportunidade de, por sua vez, poder conter sua própria violência” (Marty, 2006, p. 125).

Entretanto, o despreparo de alguns pais se transforma em desamparo ao se deparar com sua incapacidade de resistir a destrutividade de seu filho. O desconhecimento perante as novas questões do filho os assusta e eles falham em dar suporte, referência e limite. Os objetos externos funcionam como objeto de projeção do ódio necessário à constituição de um pensamento autônomo e ainda providenciam o suporte a essa busca de sentido em face de um vivido despersonalizante (Marty, 2006). A falha neste processo leva o adolescente a conclamar o outro a existir. Quanto mais os objetos externos falhem em providenciar o limite e o suporte, mais o adolescente irá solicitá-lo. Ele precisa que estes objetos consigam sustentar sua agressividade ou se sentirá desamparado. O problema ganha vida quando o que está na fantasia encontra seu correspondente na realidade com o desmoronamento depressivo dos pais, seu estado de desamparo ou sua contra-violência. Isto porque a destrutividade adolescente visa destruir o objeto externo na fantasia, mas caso o destrua na realidade, encontra um desamparo, pois precisa do objeto para existir. É a problemática que Winnicott (2006) exemplifica na frase: “é possível, ao mesmo tempo, comer o doce e guardá-lo?” (p. 162).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os diversos influentes relacionados ao agir do adolescente em conflito com a lei.

### **Método**

O método utilizado busca apreender os fenômenos observados em sua completude, valorizando a complexidade desta em detrimento do pragmatismo da objetividade. Trata-se de uma pesquisa multimetodológica, com abordagem qualitativa, que enfoca os aspectos subjetivos dos sujeitos, ou seja, os significados que uma pessoa em particular atribui aos fenômenos da natureza que lhe dizem respeito (Bauer, & Gaskell, 2002; Turato, 2003).

Participaram da pesquisa adolescentes de 12 a 18 anos, de três grupos que estão em contextos de risco e vulnerabilidade: adolescentes advindos de uma escola localizada em uma região de baixo IDH, com altos índices de violência; adolescentes em medidas de semi-liberdade; frequentando a escola e instituições de apoio. Foram realizados cinco grupos focais e seis entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes dos dois grupos.

Para análise das entrevistas e dos grupos focais, utilizou-se de uma estratégia metodológica sistematizada segundo a análise temática do seu conteúdo (Bardin, 1995) e interpretou-se qualitativamente com base no arcabouço teórico da psicanálise, onde se privilegia a apreensão das significações na construção da linguagem discursiva.

A análise das entrevistas segue os passos da primeira etapa da análise de conteúdo de Bardin (1995), com uma análise flutuante e organização de categorias interpretativas. Enfocou-se na análise o agir do adolescente considerando categorias temáticas interpretativas que serão discutidas no item a seguir.

### **Resultados e Discussão**

Primeiramente, é necessário ressaltar que as diversas formas de agir que serão apresentadas a seguir não representam causalidades. Se há causalidade, esta se mostra como uma multicausalidade, onde determinados eventos correlacionados culminam em determinadas formas de agir. Não somente há diversas causas na forma de agir adolescente, como também há diversas formas de agir que estão interligadas. Mesmo que aparentemente um determinante não esteja presente, ele pode ser um



influyente. É o caso dos determinantes que pertencem a uma dimensão metapsicológica que possibilita a reflexão do agir adolescente no plano intrapsíquico. Quanto mais se aprofunda na análise da vida dos adolescentes, mais se encontrarão referências de privações, angústias, traumatismos, etc. Não há uma resposta diretiva somente que explique a condição do adolescente.

Portanto, são múltiplas as experiências subjetivas de cada adolescente que o levam a cometer um ato infracional, mas, de acordo com a forma que ele as vivenciou, uma certamente é mais marcante do que a outra. Isso faz com que certos aspectos apareçam mais na fala de uns do que outros.

#### *Agir como defesa ao ataque do outro*

Refere-se à defesa física ou verbal quando a violência é iniciada por outrem. São comportamentos de fuga, esquiva e luta.

A necessidade de defesa ao ataque do outro denuncia o contexto social em que estes jovens estão inseridos. A violência está presente de forma viva e constante. É necessário que se defenda de alguma forma, evitando, fugindo ou enfrentando a violência:

*“o povo lá quer me matar. Antes eu tava estudando, mas eu tive que parar porque senão o bicho ia me matar dentro da escola. [...] Tentaram me matar, aí eu comprei um revólver...”* (Walmir<sup>2</sup>, Centro de Desenvolvimento Social)

Comprar um revólver é não somente uma solução à ameaça física, mas à ameaça psicológica: a ameaça de aniquilamento. O revólver providencia o engrandecimento narcísico para que o adolescente consiga triunfar sobre seus fantasmas. O que se segue é uma sensação de segurança e poder. A arma é mais do que uma simples arma, é uma armadura psíquica que providencia proteção para este momento de fragilidade. Contudo, se o adolescente encontrar uma solução para esta fragilidade narcísica em outro lugar, ele não precisaria lidar com as possíveis consequências do uso de uma arma de fogo.

---

<sup>2</sup> Todos os nomes são supostos.



### *Agir pela busca de identificação com o outro*

Neste período de fragilidade narcísica e identificatória, um dos lugares de resolução observados são as alianças, as amizades, os grupos e as gangues. Sozinho o adolescente é muito indefeso. Em grupo, ele ganha proteção, poder, status e afirmação:

*“Quando juntava as duas gangues, um líder falava para o outro...era tiro. Gangue para mim é aquela que faz um monte de coisa, né? Ela mata, ela rouba, ela picha, toca o horror, né?”* (João, Grupo Focal)

*“Quando a gente tá com a mente ocupada, a gente não faz besteira [...] você encontra os amigos e acaba fazendo besteira. Vai bagunçar droga, vai enrolar, beber, vai...”* (Marcos, Liberdade Assistida)

Podemos ver que é no grupo que ele consegue a segurança à sua fragilidade narcísica, assim como vimos no uso da arma de fogo. Quando sob a influência e proteção de outros, ele se sente seguro o suficiente para “fazer besteira”. Porém, seu discurso é estruturado de forma como se ele não tivesse vontade própria. Como se não pudesse pensar, refletir e escolher o que deseja para si. Isso implica uma ausência de responsabilidade, como se dissesse: Não sou eu que estou agindo, estão agindo sobre mim. A fala de Fábio demonstra que esta vulnerabilidade advém da falta de referência. Quando se tem o que fazer, o que estudar, ou seja, quando se tem um sentido nas ações voltadas para o futuro, é mais difícil de ser influenciado. Mas, para que a perspectiva de futuro tenha sentido, é necessário ter um quadro de referência que o suporte. Caso este não exista, o adolescente irá procurá-lo fora do lar (Winnicott, 2006).

### *Agir como impulso motor (pulsão), reação à angústia e/ou a uma privação*

Assim, a angústia proveniente da falta de referência é descarregada no meio a partir de atividades sublimatórias:

*“Você sai quebrando tudo no meio da rua, gangue é ser vândalo”* (Rodrigo, Grupo Focal).

Os atos de um grupo como uma gangue possibilitam que o adolescente exerça sua rebeldia, descarregue a energia libidinal e aja como uma reafirmação narcísica.



“Sair quebrando tudo na rua, brigar, tocar o horror” são formas de descarga da energia libidinal que a gangue propicia ao adolescente. São formas de agir que visam dar vazão à energia libidinal contida no corpo púbere, uma vez que há uma diferença econômica inerente à puberdade (Marty, 2010).

Entretanto, não se ouvirá um adolescente justificando seu ato violento na sua energia libidinal que advém do somático e atinge o psiquismo ou em um sentimento abstrato como a angústia. Trata-se, portanto, de conceitos pertencentes a uma dimensão dinâmica de natureza invisível. Não somente são invisíveis para o observador como também para o adolescente

É, portanto, essencialmente a reflexão sobre a dimensão metapsicológica do conflito, uma vez que possibilita a reflexão do agir adolescente no plano intrapsíquico. Logo, é um aspecto difícil de observar diretamente que só se torna acessível por seus representantes, ou seja, os aspectos da dimensão dinâmica se mostram presentes de forma subjacente:

*“quando a pessoa tem o apoio fica mais fácil de se ajudar. Sem apoio fica difícil dela se ajudar mesmo. Eu não tinha muito apoio não. Minha mãe não fica toda hora lá me apoiando, falando.”* (Fábio, Liberdade Assistida)

Aqui podemos observar uma referência à privação. Note que o tempo verbal é o passado, ou seja, quando o adolescente está agindo, ele não tem consciência destes aspectos intrapsíquicos, mas em outro momento é capaz de percebê-los.

Contudo, no momento, seguindo esta leitura proposta por Winnicott, muitas vezes a passagem ao ato adolescente pode ser compreendida como uma forma de lidar com a angústia. Neste caso, o agir funciona como operador externo correspondente a uma impossibilidade de inscrever experiências no psiquismo, frequentemente vividas como traumáticas por esses adolescentes e, incapaz de lidar com suas questões psíquicas, o adolescente expulsa de si o conflito psíquico, atualizando pela via motora. É como se o adolescente fosse atacado pelo inconsciente e o agir violento invertesse o ataque, triunfando momentaneamente. Pensar e refletir são atividades passivas que exigem tempo, ócio, além de ser dolorosas. A questão aqui é: Como se pode pensar sem ser aniquilado pela dor de pensar?

#### *Agir como reafirmação narcísica*

A gangue ainda é uma forma de combater outra fonte de angústia: a fragilidade

narcísica. A adolescência é um período de gradual desligamento das figuras parentais, no sentido da superação de um modelo relacional enraizado no narcisismo primário. Dessa forma, como recusa a este desligamento e como satisfação do ideal de ego, ocorrem confrontos entre as gangues, onde uma se constitui como objeto de satisfação do narcisismo primário da outra. Satisfação que se alcança no confronto que reduz a outra gangue a objeto a ser suplantado e eliminado. (Gregório, & Celes, 2011). Entretanto, é uma satisfação momentânea e imediata que exige confrontos constantes para que a sensação de superioridade seja mantida.

Podemos ver que quase todas as formas de agir aqui citadas estão relacionadas com a problemática narcísica, configurando uma reafirmação tanto no contato com os objetos, como uma poderosa arma de fogo, como nas suas relações com o outro. Encontramos nessa reafirmação narcísica, um constante posicionamento ativo.

Chagnon (2006) ressalta que não só o posicionamento passivo traz angústias, mas o posicionamento ativo as alivia. Portanto, o ato violento pode ser ao mesmo tempo uma defesa contra a angústia e uma potencial via de elaboração do pensamento através da expulsão dos objetos destruidores. “O outro torna-se objeto involuntário de apoio de uma subjetividade que não se interioriza” (Marty, 2010, p. 59). Esse agir possibilita a preservação do adolescente frente à fragilidade de suas bases narcísicas da infância, reavivadas pelo conflito pubertário.

#### *Agir como recusa de limite*

*“Eu tinha que passar pela direção para pegar as folha branca pra fazer o trabalho de português. Aí dá duas aulas. Aí, quando eu fui passar, a mulher fechou o portão. Aí, pedi pra ela abrir. Ela falou não, só no segundo. Aí eu falei: eu vô perdê trabalho, é? Só por causa que você quer. “Quem mandou você sair da sala?”. Ouxi, vim buscar as folha, não posso, não é? A professora mandou eu vir buscar as folha. Ela falou que não ia abrir. Eu falei, vai abrir não? Eu não vou ficar sem estudar. Aí eu fui e pulei a grade e fui pra sala.” (Fábio, LA)*

Independe de quem está correto neste caso. Se quem controlava o portão estava sendo sensato ou não. O que interessa aqui é observar como o adolescente reage frente a uma regra que lhe é imposta. Outros jovens poderiam reclamar com a diretora da escola, tentar argumentar mais com a porteira ou desistir de ir para a aula, mas não Fábio. Ele deseja ir para a aula e ninguém irá impedi-lo. Então, resolve pular



o portão. Mesmo que essa seja uma ação inofensiva, ela demonstra uma forma de agir frente à regra que possivelmente representa um padrão. Como se trata de um jovem duas vezes preso, uma por roubo e outra por envolvimento em uma briga, podemos suspeitar que a Lei como representante da função paterna não se faz presente de forma incisiva. Suspeita que se torna convicção pelo desconhecimento do pai e não aceitação do padrasto:

*“Ela é uma mãe mesmo. Sempre criou nós sozinho. Agora, pai e padrasto, ixe [...] Nunca vi meu pai na minha vida. Nunca vi ele não. [...] Eu acho que pode ser por causa dele, né. Que, se ele tivesse com a minha mãe até hoje, quem sabe, né. Podia ter sido educado melhor. Tem 18 anos e nunca vi meu pai. Nem nunca ligou pra saber como nós tá. E ainda tem o padrasto lá em casa. Por isso que eu fico o dia inteiro na rua. Troco a rua pela casa. Lá em casa é um saco. Evito dar de cara com ele.”* (Fábio, Liberdade Assistida)

A função paterna é instauradora da lei pela internalização da proibição incestuosa e possibilita a inscrição social do ser humano. É uma passagem da Lei da natureza para a Lei da Cultura (Freitas, 2002). Quando não há interiorização da lei paterna, há uma desvalorização das leis familiares e sociais e uma desconsideração das pessoas ou instituições que sustentam estas leis. Conforme postula Winnicott (2006), em vez de ficar livre para fazer o que quiser, o adolescente é invadido pelo desamparo advindo da falta de referência e do descontrole interno frente às fantasias destrutivas. Não há um modelo a ser seguido ou alguém que lhe dê suporte para vivenciar essa fase traumática por excelência. Este modelo e suporte são, então, buscados fora de casa. Encontra-se, entretanto, uma sociedade tão amedrontada pela violência quanto ele mesmo.

É buscado o limite como suporte e encontra-se o limite somente como punição. Isso faz com que o adolescente se sinta vitimado novamente. Uma lei que se impõe apenas pelo temor não é eficaz. Ela precisa ser temida, mas, para ser cumprida, precisa ser considerada justa e advinda de alguém ou uma instituição que possua algum vínculo amoroso com o adolescente. Ou seja, o adolescente precisa aceitar a regra, reconhecê-la. Forçá-lo simplesmente pode ser encarado como uma forma de violência, legitimando sua revolta. A seguinte fala de Fábio evidencia as duas formas de impor limite, uma vivida nas instituições de implementação de medidas sócio-educativas:

*“Nunca tinha ido no CESAMI, mas no CAJE já tinha. Chegava lá no CAJE mermão, c\*\*\*\*\*. Você já é mal tratado logo que chega. Já pega aqueles mulambo de roupa velha e feia pra c\*\*\*\*\*. Aí já pega aquela roupa feia da p\*\*\*\*, aí come aquela comida veia ruim do c\*\*\*\*\*, sentado no chão. E você não pode chegar e deitar no seu barraco. Aí você tem que ir pra promotoria pra ver se vai ser julgado ou não. Aí, quando chega no CESAMI, não. CESAMI é mais de boa. Você se sente mais em casa, véii. Eles já te trata bem. Eles são obrigado a te tratar bem. Os caras já chegam falando boa noite, não sei o quê. Você não chega lá de cabeça baixa. Você anda normal como se estivesse andando na rua. Aí eu já me senti melhor mesmo. Eu fiquei com medo de ir pro CAJE. Ficar no CAJE sozinho muleque, c\*\*\*\*\*. Mas aí fui pro CESAMI. Recebi até visita da minha vó, da minha tia. Lá no CESAMI pode. No CAJE não pode. Aí ficou de boa lá. Fiquei bem melhor. Já saí com a intenção de trabalhar. Primeira coisa que fiz foi conversar com meu patrão, que eu tava trabalhando numa empresa. Mas, se eu tivesse ficado no CAJE, não, aí eu tinha saído pior.” (Fabio, Liberdade Assistida)*

Enquanto uma instituição fortalece o recurso à violência, a outra realiza o processo inverso do que o fez recorrer ao ato, possibilitando o suporte, a possibilidade de elaboração, a segurança para que o adolescente se sinta menos vulnerável. Basicamente, providencia elementos de referência mais seguros que este adolescente não teve oportunidade de experimentar no lar. Sendo assim, o que o faz ir para um caminho destrutivo é o que o faz voltar: as referências parentais. Que não é necessariamente a família original. Qualquer pessoa, instituição ou escola que consiga proporcionar uma função subjetiva de referência narcísica parental para o adolescente estará contribuindo para uma resolução favorável à problemática adolescente.

Podemos ver então que, quando o adolescente é mobilizado por todas questões até aqui citadas, demanda de um outro que lhe propicie um sentimento de segurança. Esta é justamente a segurança referida por Winnicott (2006) quando relata que o ambiente deve providenciar suporte ao adolescente. Trata-se de não desmoronar diante da violência adolescente. Quando o ambiente se sustenta, o adolescente sente-se seguro. Isto possibilita ao adolescente uma capacidade de reflexão acerca dos atos cometidos. Este é o primeiro passo na direção da responsabilização que Winnicott afirma estar no âmago do tratamento do que ele define como tendência anti-social. Somente podendo se implicar em seus atos que o adolescente é capaz de



dar sentido ao seu agir e reparar. Assim, o adolescente poderá tolerar seus próprios impulsos destrutivos, desenvolvendo uma capacidade de envolvimento e transformando seus atos destrutivos em construtivos.

Finalmente, o tratamento do adolescente em conflito com a lei deve visar a recordação e elaboração dos eventos supracitados que estão sendo expressos pela via da atuação (*acts out*). Sem intervenção, não se recorda nada do que se esqueceu ou foi reprimido. Quanto maior a resistência à recordação, mais extensivamente é a atuação (repetição) que substituirá o recordar (Freud, 1914b). Trata-se de retirar, uma por uma, as armas com que o adolescente se defende contra a recordação do passado e da responsabilidade de seus atos. Claro que é um processo penoso, mas encontra suas forças na relação de suporte e transferência positiva que o adolescente pode encontrar. Sendo assim, parte do tratamento é ajudar o adolescente a dar sentido a tudo o que sente, a elaborar afetos traumatizantes. Não podendo identificar suas inquietações afetivas, esses adolescentes não podem identificar-se ao outro (Chagnon, 2009). Sentir empatia, reconhecer a alteridade são fundamentais no processo que visa o reconhecimento e a responsabilização de seus atos, nascendo assim a oportunidade de reparação e de ser construtivo.

É um grande progresso quando se consegue orientar essa energia libidinal excessiva da adolescência para outro fim que não tenha consequências catastróficas ao outro. A atividade sublimatória é benéfica por conseguir dar vazão às pulsões e possibilidade de reconhecimento do outro, da alteridade.

Por fim, cabe reconhecer que a adolescência é um período da vida que passa. É necessário que se dê tempo à adolescência, para que ela possa ser vivida. A exigência social capitalista para que o adolescente vire adulto antes do tempo, criando responsabilidades que ele ainda não quer e pode antecipar só complica a situação. A adolescência é um período de descoberta pessoal, de formação de uma identidade e por isso não há um guia ou um padrão a ser seguido. É um período essencialmente subjetivo.

## **Conclusão**

Portanto, a violência protagonizada pelos adolescentes revela, principalmente, sua forma de defesa perante uma vivência de traumatismos e angústias. Muitas vezes, o agir pode ser uma forma de lidar com as experiências da realidade que os deixam vulneráveis. Uma vez que esta demanda uma defesa, é provável que estes



jovens reajam à violência com mais violência. Dessa forma, a violência exercida por figuras de autoridade e instituições punitivas somente reafirmam sua necessidade de proteção pela mesma via. Claro que se tem que proporcionar limite, mas que este limite tenha sentido e não seja simplesmente imposto e vivido como outra forma de violência. Somente interligadas a um sentido aceito pelo adolescente que as regras e leis podem ser introjetadas por ele. Providenciar suporte e apoio a estes adolescentes pode ajudá-los a se sentir mais seguros e, assim, diminuir a violência atuada por eles. Isso não quer dizer ser conivente com seus atos, mas fazer com que as regras e as leis tenham sentido subjetivo e social. A escola e as instituições de referência podem se constituir em um vínculo fundamental, instaurador de reflexão construtiva acerca das relações e dos atos cometidos.

### Referências Bibliográficas

- Bardin, M. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bombardi, V. M. (2008). *A rebelião do dia-a-dia: uma leitura sobre adolescentes autores de atos infracionais*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Chagnon, Y. (2009). A agressão sexual na adolescência: Um destino da hiperatividade? (P. Rondon, trad., vol. 21) Rio de Janeiro: Ágora, 275-290.
- Costa, J. F. (1988). Narcisismo em tempos sombrios. In J. Birman (Ed.), *Percursos na história da psicanálise* (pp. 151-174). Rio de Janeiro: Taurus.
- Freitas, L. A. (2002). *Adolescência, família e drogas: A função paterna e a questão dos limites*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Freud, S. (1914a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914b). Recordar, repetir e elaborar. In *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). O ego e o Id, vol. 19. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro:



Imago.

- Freud, S. (1926). Inibições, sintomas e angústia. In *Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 20). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização”, vol. 21. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- Marty, F. (2006). *Adolescência, violência e sociedade* (P. Rondon, trad., vol. 1) Rio de Janeiro: Ágora, 119-131.
- Marty, F. (2010). Violência e passagem ao ato homicida na adolescência. In D.M. Amparo, S.F.C. Almeida, K.T.R. Brasil, & F. Marty (Eds.), *Adolescência e violência* (pp. 45-66). Brasília: Liber Livro.
- Organização Mundial da Saúde (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS.
- Papalia, D. E. (1981). O mundo da criança: da infância à adolescência (A. B. Simões, trad.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Winnicott, D. (2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.